

## **CHERYL FINLEY \_AUTENTICANDO MASMORRAS, BRANQUEANDO CASTELOS (1)**

Por séculos, os castelos e os fortes do litoral de Gana têm sido locais importantes de contato entre africanos e europeus e centros de intercâmbio cultural. Construídos entre 1482 e 1784 por nações européias rivais, esses raros exemplos de arquitetura medieval tardia fortificada na África subsaariana são lembrados hoje por seu papel fundamental de facilitar o notório comércio transatlântico de escravos. Ao todo, são cerca de 60 estruturas remanescentes, em mau estado de conservação, ao longo da costa de Gana, cujos promontórios rochosos e traiçoeiros oferecem defesa contra os inimigos que se aproximam, tanto por terra como por mar, assim como recursos naturais ricos em cal para a construção de estruturas que resistiriam a séculos de sofrimento humano, batalhas e ao ar salgado do litoral. De fato, a combinação paradoxal da chocante história desses locais construídos pelo homem, da beleza natural da costa e da rандeza física da arquitetura produziu as mais populares atrações turísticas na Gana contemporânea. “Sankofa” é uma palavra akan que significa “para ir adiante é preciso retornar ao passado”. Desde 1972, quando a UNESCO reconheceu os castelos de Cape Coast e Elmina como “Patrimônio da Humanidade”, a primeira onda de afro-americanos começou a fazer peregrinações a esses lugares para dar sentido ao seu passado. Inicialmente inspirados pelos avanços sociais e políticos adquiridos pelos movimentos Black Arts e Black Power, no final da década de 1960 e início da de 1970, e mais tarde pelo popular romance de Alex Haley, “Roots” (Raízes), que estreou como minissérie na televisão em 1977, um fluxo constante e regular de turistas afro-americanos tem participado de, e até mesmo moldado, um tipo peculiar de turismo que tem no seu centro a necessidade de encontrar e validar uma herança cultural autêntica. Esse tipo de turismo tem sido chamado turismo de “raízes”, pois muitos de seus praticantes buscam um “retorno” simbólico a uma terra natal ancestral, com frequência tornada visível pela idéia ou pela memória racial da África como um lugar que diz respeito à família de origem no comércio transatlântico de escravos. No entanto, o turismo de raízes não está limitado a ir para a África. Ao contrário, muitos turistas de raízes encontram locais de memória significativos ao longo do Atlântico Negro, em lugares como Salvador da Bahia, onde as tradições africanas têm sobrevivido entre numerosas populações negras e onde corolários às masmorras também existem como monumentos físicos. Mas além da simples visão da África como terra-mãe simbólica, os locais físicos e imponentes de Cape Coast e Elmina são reivindicados por turistas de raízes como memoriais tangíveis e necessários, dos poucos lugares onde a prova material do legado da escravidão ainda se ergue diante dos olhos e está disponível para ser tocada, percorrida e vivenciada com todos os sentidos e com o movimento dos corpos através do espaço. Cape Coast e Elmina são exemplos profundos do termo, útil e influente, de Pierre Nora, “lieux de mémoire”, ou lugares de memória, “onde a memória se cristaliza e se faz secreta”. (2)

A memória desempenha função central no turismo de raízes. Como a herança, ela é, de certa forma, uma mercadoria intangível e uma construção social que media as experiências, as ações e as expectativas dos indivíduos. É oferecida ao turista para consumo e é o que os próprios turistas interpretam e representam para autenticar suas experiências naqueles lugares e torná-las significativas. A memória também molda as “expectativas” dos turistas de raízes, guiando suas esperanças para algum tipo de conexão com seu passado ancestral. É o que os atrai para lugares como Cape Coast e Elmina, oferecendo-lhes um vínculo com seus ancestrais e com a representação simbólica “e” real dos monumentos físicos, como os lugares dos quais vieram para fazer

parte da diáspora. Desse modo, a memória atua na criação de uma consciência racial histórica compartilhada, que os turistas de raízes usam para fazer com que seu passado tenha sentido e para peneirar os elementos históricos – o trauma e o triunfo – atrelados à experiência de vida da formação racial moderna. Nos locais de destino dos turistas de raízes, [como] os monumentos de Cape Coast e Elmina, o conceito de memória é ativo e fluido como na função humana praticável de “re-lembrar”, ou seja, rejunta, restaura o corpo, fazendo com que o corpo político fique inteiro. Como prática corporal, a memória desempenhada nesses locais exerce uma função espaciotemporal através da incorporação da consciência da visão, da audição, do olfato, do tato e do paladar, para vivenciar plenamente a organização espacial do memorial.

Este ensaio considera uma variedade de assuntos controversos que surgem quando monumentos repletos de tais tensões históricas e significado cultural se tornam objetos de turismo global. Questiona as complexidades da memória e as políticas de identidade em cena entre os turistas, os funcionários dos museus e os habitantes locais que freqüentam os castelos e as masmorras de Cape Coast e Elmina. Argumenta que a prática de lembrar nesses lugares é, necessariamente, politizada ao longo de linhas raciais, étnicas, de classe e de gênero, e evidenciadas pela maneira como indivíduos e grupos “desempenham” a memória no espaço físico dos monumentos. Assim, este ensaio considera apenas de quem é e que história é interpretada nesses locais. A maioria dos afro-americanos e pessoas negras da diáspora enfatiza que a história do comércio de escravos, tornado tangível pela presença das masmorras sob os castelos, devem ser um ponto de enfoque. Ao contrário, as pessoas de Gana sentem que a longa história e os múltiplos usos dos locais deveriam ter precedência.

Outros ainda se concentram na qualidade estética e no esplendor arquitetônico dos prédios branqueados. Este ensaio também questiona as mudanças arquitetônicas e interpretativas, em Cape Coast e Elmina, feitas em nome de facilitar o turismo. Gostaria de sugerir que o momento autêntico oferecido ao turista é a memória dos africanos escravizados que deixaram as masmorras há centenas de anos: seus corpos negros, agora ausentes, fazem parte da sedução desses monumentos. Esse é um problema desconcertante que alguns visitantes recentes dos castelos têm vocalizado de maneira apaixonada. Como exigiu um turista afro-americano, “Não façam de nossas memórias uma atração turística”.(3) Finalmente, argumenta-se que na era atual de turismo global, a própria memória se torna uma mercadoria – uma coisa a ser comprada, vendida e comercializada.

### **A POLÍTICA DE DAR NOMES**

De acordo com o CMMG, Conselho de Museus e Monumentos de Gana, existem somente três estruturas chamadas de castelos entre os 60 fortes coloniais que ainda restam no litoral de Gana: Elmina, inicialmente construído pelos portugueses em 1482, Cape Coast, edificado pelos suecos em 1653, e Christiansborg, construído pelos dinamarqueses em 1661, em Osu, na capital Acra. Dos três, Cape Coast e Elmina são os mais populares entre os turistas e estão a uma distância visível um do outro e a apenas três horas de carro de Acra. Nos últimos 300 anos, Elmina e Cape Coast foram classificados como castelos por seu estilo arquitetônico, tamanho enorme e multiplicidade de funções. Distintos dos fortes, mais numerosos porém menores, os castelos têm área maior, um mais intrincado complexo de estruturas de conexão e capacidade para abrigar um grande número de pessoas. Isso fica evidente no modo como os espaços internos das muralhas dos castelos foram destinados e utilizados como aposentos de governadores; alojamentos de oficiais e refeitórios; instalações de cozinha para os criados; masmorras masculinas e femininas para os escravos; salas de comércio e vendas; celas de prisão; armazenagem de munição; igrejas; escolas;

quintais e terraços; torres de guarda; canhões; e “portas sem retorno”. Muitos turistas de raízes sentem que chamar Cape Coast e Elmina de “castelo” elimina a história das masmorras sob eles, assim como aquela da experiência de seus ancestrais. Com esse nome, eles dizem que as histórias de seus ancestrais ficam perdidas. Em seu lugar, noções da grandeza arquitetônica européia dos contos de fadas, associadas ao entendimento popular do termo “castelo”, amenizam o fato de que africanos escravizados, possivelmente seus ancestrais, foram ali mantidos prisioneiros. Isso, no entanto, é mais que uma rejeição indiscriminada do termo “castelo”, amplamente utilizado para fortalezas militares do período medieval. Alguns turistas de raízes discordam dos esforços de renovação que vêm sendo feitos em nome da preservação histórica. Eles alegam que essas renovações privilegiam a arquitetura de ponta e transformam os castelos em lugares “fictícios”. Um visitante da Jamaica gritou “É horrível ver essa masmorra transformada em um castelo de Walt Disney!”, referindo-se às camadas de tinta branca nas paredes, à disposição de vasos de plantas e flores na entrada, e ao esforço de limpar e “pintar” o interior das masmorras.(4) A frase de sentido duplo, “Parem de branquear a nossa história”, aparece com frequência nos Livros de Comentários de Visitantes de Cape Coast e Elmina.(5) Em lugar desse programa regular de pintura, manutenção e renovação, alguns turistas de raízes e afro-americanos expatriados argumentam que esses monumentos deveriam ser deixados sem interferência, para desintegrar-se e cair no mar.

### **O DESEMPENHO DA MEMÓRIA, DA RAÇA E DA AUTENTICIDADE**

Ao entrar em Cape Coast ou Elmina, sem o saber, os visitantes são convidados a participar de diferentes representações, com camadas e matizes de memória, raça e autenticidade. Primeiro eles ficam conscientes de si próprios como um tipo particular de turista – ganenses ou estrangeiros –, com base no preço do ingresso. Os estrangeiros pagam dez vezes mais que os ganenses. Essa distinção afeta a maneira pela qual eles interagem com outros turistas e a experiência da própria excursão guiada.

Cada guia de excursão leva um grupo de cerca de 20 pessoas, que em geral são diversificadas racial e etnicamente, e de idades e nacionalidades diferentes. Contudo, em algumas ocasiões, alguns membros da excursão reclamam que outros membros do grupo os fazem se sentir desconfortáveis e até mal recebidos. Os comentários de um turista que se autotitulou um americano branco de Connecticut desprezaram sua incômoda experiência na excursão de uma hora de duração no castelo de Elmina: “Castelo muito impressionante. A excursão foi muito boa. Fantástica vista da cidade, da praia e do oceano. Um fato preocupante – durante a excursão, um homem chamava a atenção e eu me senti ofendido por seus sentimentos racistas contra os brancos, pois ele dizia repetidamente ‘gente branca isso... [e aquilo]’. Não pude entender exatamente, mas ele deveria respeitar mais as outras pessoas que estão tentando seguir o guia da excursão. De modo geral, aproveitei a minha visita aqui.”(6) Um ganense do mesmo grupo adicionou que “deveria ser estritamente proibido que visitantes em excursão façam comentários ofensivos que direta ou indiretamente digam respeito a indivíduos do grupo”. Incidentes como este ainda são exemplo dos efeitos penetrantes do racismo e do legado da escravidão interpretado hoje nos palcos do mundo.

Grupos organizados de excursões, definidos racial ou etnicamente, ou por escolas, igrejas ou associações, freqüentemente solicitam seu próprio guia. Muitos grupos afro-americanos pedem que nenhum branco acompanhe sua excursão. Além disso, muitos grupos organizados de turistas de raízes exigem que brancos sejam proibidos de participar de sua excursão, em especial quando descem, pela primeira vez, aos espaços sagrados das masmorras. É ali que os turistas de raízes procuram, de fato, reivindicar um status privilegiado, certa aura de autenticidade. Eles recusam a presença

de brancos, dizendo que não querem vivenciar a dor de seus ancestrais com um descendente do opressor entre eles. Isso levanta a questão de a quem é dada a permissão de “lamentar”: aos turistas de raízes, aos europeus, ou aos ganenses? As excursões guiadas, tanto em Cape Coast como em Elmina, enfocam os pontos de dor e sofrimento ou força e resistência para dar um sentido de autenticidade à significância histórica e contemporânea dos locais. De fato, a noção de autenticidade é central à sedução do turismo como uma indústria. Quando escolhe o destino de suas férias, o turista comum vai em busca de uma experiência nativa autêntica, da autêntica praia de areia branca, ou das autênticas ruínas antigas. Cape Coast e Elmina combinam todas essas noções de autenticidade. Em um esforço para mostrar “que realmente foi assim”, os principais destaques das excursões nos castelos desempenham uma função de autenticação. Assim, os visitantes tomam conhecimento de como as mulheres escravizadas eram estupradas pelos comerciantes europeus, pelos governadores e pelos oficiais; dos tipos de tortura infligidos aos presos rebeldes; da presença da Igreja dentro dos castelos; dos pontos de interesse arquitetônico; dos aposentos espaçosos dos governadores e oficiais nos andares de cima; do mau cheiro e do horror das masmorras subterrâneas; e da “porta sem retorno”, através da qual os africanos escravizados eram levados para os navios que os esperavam, para nunca mais voltar. A maior parte dos cômodos, se não todos, por onde os turistas passam, está vazia. As igrejas não têm bancos, tampouco os aposentos dos governadores e oficiais são decorados com mobília de época. Isso significa que os visitantes têm de imaginar como teria sido viver nesses espaços.

Um visitante em Cape Coast exigiu: “Por favor, tornem autêntica a residência do governador, para que se pareça exatamente como era na época. Acho que isso fará o contraste necessário com as masmorras”.(7)

Quando visitei o castelo de Cape Coast no verão de 1999, as restaurações nos aposentos do governador haviam começado e havia a programação para receber móveis e decoração do período colonial. Mas como poderia a masmorra ser tornada “autêntica”? Um visitante de Elmina tinha uma possível solução: “Renovem com modelos de escravos, efeitos sonoros, [e] odores para dar autenticidade e um sentimento real de como era para nossos ancestrais”. Mas essa tentativa de recriar um sentimento do indescritível não iria longe demais, especialmente quando a arquitetura física das próprias masmorras ainda está lá para ser vivenciada?

Como os curadores e designers escolheriam os modelos para representar as mulheres e os homens escravizados, e que atores iriam ser convidados a criar os efeitos de som? Algumas das mudanças na masmorra das mulheres em Elmina visavam à autenticação, especialmente as novas barras de metal que foram colocadas nas aberturas arqueadas das janelas. Mas as camadas de tinta fresca branca no interior de algumas das masmorras masculinas deixaram muitos visitantes indignados. Como comentou uma pessoa, “Os judeus não pintariam os fornos na Alemanha!”. Igualmente problemática foi a transformação de uma das masmorras masculinas de Elmina em uma loja de presentes, com prateleiras repletas de mercadorias e paredes pintadas com camadas de tinta fresca amarela. Tantos visitantes reclamaram que a loja foi eventualmente desmantelada e transferida para uma área de services externa em frente ao restaurante do castelo, cuja presença também não dispensa críticas. Uma das mudanças mais positivas nas masmorras é encontrada em Cape Coast, onde um altar a Nana Tabir (um deus que se acredita habitar na rocha na qual as masmorras foram esculpidas) foi decorado com flores, velas e oferendas. Ele é guardado por um sacerdote de túnica branca e tem a função de ser um lugar sagrado onde os turistas são convidados a orar por seus ancestrais, derramar bebidas e fazer oferendas monetárias.

Mas, em geral, as masmorras permanecem assombrosamente nuas, com exceção das

coroas, das flores, das cédulas e das velas acesas deixadas diariamente por visitantes. A maior parte dos turistas parece preferir as masmorras daquele jeito. Acham que o vazio demonstra melhor a ausência dos muitos milhões que se foram, e, para eles, esse é o único meio autêntico pelo qual a masmorra pode ser representada. Muitas vezes os visitantes escolhem as masmorras vazias para realizar rituais de tributo e comemoração ou para participar de encenações da captura de africanos. Em uma dessas encenações, representada por atores locais no Panafest 1999, o bienal Festival Pan-Africano de Artes Cênicas, máscaras de presidentes americanos, incluindo Ronald Reagan, foram usadas para retratar aqueles que caçavam os escravos. O uso dessas fantasias criticava o envolvimento americano no comércio de escravos com uma referência, decididamente politizada e contemporânea, ao contínuo domínio Americano sobre os negócios globais.

### **MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS**

A fotografia é a ação de autenticação líder entre os turistas. Indivíduos armados das mais básicas câmeras descartáveis, ou da mais sofisticada tecnologia digital, se engajam em uma intensa e constante atividade fotográfica que documenta pontos de interesse histórico, membros de seu grupo ou detalhes de curiosidade arquitetônica ou estética. Em Elmina, o pátio é um lugar popular para fotografias, onde vistas da igreja portuguesa e das masmorras circundantes podem ser registradas. O local fotográfico mais pitoresco de Cape Coast é a caminho balaustrado que enquadra a fileira angular de canhões apontados na direção do mar. Mas a atividade fotográfica também reforça o mais impressionante dos paradoxos, conforme observou um turista: “A disparidade entre a terrível história do castelo e a beleza natural e física da costa é uma mistura difícil para o visitante de hoje”.

Em 1993, a renomada artista afro-americana Carrie Mae Weems produziu fotografias em preto-e-branco de Cape Coast e Elmina (e da ilha de Goré, no Senegal) para a obra “Slave Coast Series” – dípticos e trípticos cinematográficos que combinam imagem e texto para documentar e comemorar a história da escravidão. Até fotógrafos de moda escolheram os castelos como cenários de estilo para seu trabalho em revistas glamorosas.

Inspirado por esse fenômeno perverso, o destacado cineasta da Etiópia, Haile Gerima, encenou a abertura de seu aclamado filme “Sankofa” (1993) em meio a uma multidão de turistas que estava para entrar nas masmorras do castelo de Cape Coast. Contado como um flashback, o filme segue uma modelo negra que está numa tomada (usando uma peruca loira e roupas ocidentais), enquanto é fisicamente levada de volta no tempo através da masmorra, para aliviar os horrores da escravidão como uma lição para que não esqueça de suas raízes. De modo singular, o terror desses monumentos se torna estético ao gravá-lo em filme. O romancista e fotógrafo afroamericano Richard Wright lembrou ter ficado hipnotizado pela beleza de Elmina em seu romance de 1954, “Black Power”: “Torres se erguem a mais de sessenta metros no ar. Que sonho espaçoso! Que destino majestoso! Quão elegante é a disposição do castelo! Que linhas audaciosas! Que bom gosto...”(8)

Suas fotografias em preto-e-branco documentam as balaustradas, os pátios, a artilharia e a “porta sem retorno” antes do advento do turismo de raízes e de Gana se tornar independente do Reino Unido. A dinâmica de tomada de fotos nos castelos poderia ser um estudo em si mesmo. No entanto, no caso do turismo de raízes ela tem uma função comemorativa especial, um apelo familiar único. Conforme os turistas de raízes se reúnem em grupos em frente à artilharia no castelo de Cape Coast, ou com a igreja portuguesa como cenário de fundo no de Elmina, estão conscientemente participando de um ato de lembrar – simbolicamente tomam posse do passado, sinalizam a criação

de novas formas de ritual e encenação da diáspora africana. Suas fotos são provas de um retorno à terra de seus ancestrais, das edificações que permanecem como um lembrete do nascimento da diáspora africana no comércio escravo transatlântico. De volta em casa, compartilham suas fotos com familiares e amigos, uma comprovação de terem estado lá, de terem passado pela “porta sem retorno”.

A “porta sem retorno” é o local mais popular que os turistas de raízes escolhem para filmagens. No castelo de Cape Coast, a “porta sem retorno” está localizada na base do pátio central, bem acima das masmorras femininas. No topo da moldura da porta, uma etiqueta-padrão do Conselho de Museus e Monumentos de Gana marca a porta com letras brancas bem distintas, “PORTA SEM RETORNO”, rotulando-a como um local de interesse especial. Outras sinalizações podem ser encontradas ao redor do castelo, apontando os lugares importantes de interesse turístico especial, como por exemplo MASMORRA MASCULINA DE ESCRAVOS, SALÃO DE CONFERÊNCIAS, CELA DOS CONDENADOS, FORTALEZA, e assim por diante. Em um dos pontos altos da excursão, os visitantes assistem com curiosidade ao guia que abre, pela primeira vez, a pesada porta de madeira negra, revelando a extensão de um mar inerte, pelo qual africanos escravizados teriam sido levados aos navios que os esperavam. Essa parte culminante da excursão é imbuída de uma sensação teatral, conforme o grupo atravessa timidamente a soleira da porta para a praia. Lá esperando, estão crianças que sabem que a porta que se abre revelará um novo grupo de turistas, a quem eles envolvem em conversas ou pedem dinheiro. Alguns turistas de raízes escolhem esse lugar para derramar bebidas e fazer orações por seus ancestrais. Finalmente, confirme o guia sinaliza ao grupo que é hora de voltar para dentro, ele aponta para outra sinalização acima da “porta sem retorno”, apenas visível do lado de fora, ao reentrar. Nas agora reconhecíveis letras brancas, lê-se “PORTA DE RETORNO”. Postas ali como um gesto de reconciliação, o guia explica que essas palavras significam as boas-vindas aos milhares de turistas da diáspora africana que, a cada ano, fazem peregrinações aos monumentos. Mas será realmente possível um “retorno” a uma terra ancestral onde eles jamais colocaram os pés? Pensem sobre isso. O que significa realmente a nova sinalização PORTA DE RETORNO?

O que se ganha ou se perde ao renomear a infame PORTA SEM RETORNO? Tal ato significaria uma tentativa de apagar a história brutal dos castelos e das masmorras sob eles, em nome de facilitar o turismo? Significaria que o tempo – 400 anos – curou a ferida? Estaria nos pedindo para esquecer o passado e ir em frente? Parece que um outro meio de chegar a essa questão seria retornar à palavra akan “Sankofa”, que significa “para ir adiante é preciso retornar ao passado”.

[1] Esse documento está baseado em pesquisa realizada em Gana em 1999 e entrevistas conduzidas com residentes, oficiais de museus e turistas. Foi apresentada na reunião anual de 2002 do College Art Association na Filadélfia, Pensilvânia, EUA, na mesa-redonda “The Tourism of Architecture/The Architecture of Tourism,” organizada por D. Medina Lasansky e Brian McLaren. Versões preliminares desse documento foram publicadas sob o título “The door of (no) return”, “Common-place”

<[www.common-place.org](http://www.common-place.org)>, vol. 1, n. 4, julho de 2001, e “Authenticating dungeons, whitewashing castles: the former sites of the slave trade on the Ghanaian coast,” do texto de D. Medina Lasansky e Brian McLaren, “The tourism of architecture/The architecture of tourism”. Londres: Berg, 2004.

[2] Pierre Nora, “Between memory and history: les lieux de mémoire”, “Representações” 26: 9, primavera de 1989.

[3] Livros de Comentários de Visitantes, Castelo de Cape Coast, 1998.

[4] Livros de Comentários de Visitantes, Castelo de Cape Coast. 1998.

[5] Ibid. A frase “Stop whitewashing our history” foi popularizada pelos textos e ativismo do influente expatriado afro-americano Imahkus Vienna Robinson. Veja Imahkus Vienna Robinson, “Is the Black Man’s history being whitewashed?”, “Uhuru” 9: 48-50, 1994.

[6] Livros de Comentários de Visitantes, Castelo de Cape Coast, 1998.

[7] Ibid.

[8] Richard Wright, “Black Power: a record of reactions in a land of pathos”. NY: Harper Perennial, 1995 (reimpressão da edição de 1954), p. 354.